O ERMITÃO DO RELÓGIO

TERESA DE LA PARRA

ARTE E LETRA

VISIT...

LANZAROTE Caliente.COM

O ERMITÃO DO RELÓGIO

TERESA DE LA PARRA

ARTE E LETRA

Table of contents

1. Beginning

Guide

1. Cover
2. Beginning

O Ermitão do Relógio

Teresa de la Parra

tradução
Iara Tizzot

Curitiba 2016

© Arte & Letra Editora
Todos os direitos desta edição reservados à Arte & Letra Editora

Era uma vez um capuchinho que, fechado em um relógio de mesa esculpido em madeira, tinha como ofício anunciar as horas. Doze vezes ao dia e doze vezes à noite, um engenhoso mecanismo abria de par em par a porta da capelinha ogival que representava o relógio e era possível, assim, se ver de fora como nosso ermitão puxava as cordas tantas vezes quantas o timbre, invisível dentro do seu campanário, deixava ouvir seu tim-tim de alerta. A porta voltava em seguida a se fechar com um impulso brusco e seco, como se quisesse escamotear o personagem; o capuchinho tinha magnífica saúde apesar de sua idade e de sua vida retirada. Um hábito de lã sempre novo e bem escovado descia sem uma mancha até seus pés desnudos dentro das sandálias. Sua longa barba branca, ao contrastar com suas bochechas frescas e rosadas, inspirava respeito. Tinha, em poucas palavras, tudo quanto se precisa para ser feliz. Iludido, longe de supor que o relógio obedecia a um mecanismo, estava certo de que era ele que dava as badaladas, coisa que o enchia de um sentimento muito vivo de poder e importância.

Por nada no mundo lhe ocorreria ir misturar-se com a multidão. Era suficiente o serviço imenso que fazia ao anunciar as horas. Para os demais, que se arranjassem sozinhos. Quando atraído pelo prestígio do ermitão alguém vinha consultá-lo em um caso difícil, enfermidade ou o que fosse, ele não se dignava sequer a abrir a porta. Dava a resposta pelo buraco da fechadura, coisa que não deixava de emprestar a seus oráculos um certo selo imponente de ocultismo e mistério.

Durante muitos, muitíssimos anos, Frei Barnabé (este era seu nome) achou em seu ofício de sineiro tão grande atrativo que isto lhe bastou para satisfazer a sua vida; pensem os senhores um momento: o povo inteiro da sala de jantar tinha os olhos fixos na capelinha e alguns dos cidadãos daquele povo nunca haviam conhecido mais distração que a de ver aparecer o frei com sua corda. Entre eles se contava uma compoteira que havia tido a vida mais cinza e desgraçada do mundo. Quebrada em dois pedaços desde seu começo, graças à afobação de uma criada, haviam juntado as partes com ganchinhos de ferro. Desde então, as frutas com que a enchiam antes de irem à mesa costumavam dirigir-lhe as mais humilhantes piadas. Consideravam-na indigna de conter suas preciosas pessoas.

Pois bem, aquela compoteira que conservava no corpo uma ferida avivada continuamente pelo sal do amor próprio, encontrava consolo em ver funcionar o capuchinho do relógio.

- Vejam – dizia às frutas burlonas –, vejam aquele homem de hábito pardo. Dentro de alguns instantes vai avisar que chegou a hora em que irão comer todas vocês – e a compoteira se regozijava em seu coração, saboreando antecipadamente sua vingança. Mas as frutas sem

acreditar em uma palavra lhe respondiam:

- Você não é mais que uma aleijada invejosa. Não é possível que um canto tão cristalino, tão suave, possa anunciar um acontecimento fatal.

E também as frutas consideravam o capuchinho com complacência e também uns jornais velhos que debaixo de um console passavam a vida repetindo uns aos outros acontecimentos ocorridos há vinte anos, e a tabaqueira, e as pinças do açúcar, e os quadros que estavam pendurados na parede, e as garrafas de licor; todos, todos tinham a vista fixa no relógio e cada vez que se abria de par em par a porta de carvalho voltavam a sentir aquela mesma alegria ingênua e profunda.

Quando se aproximavam as onze horas e cinquenta minutos da manhã, chegavam então as crianças, sentavam-se em roda diante da lareira e esperavam pacientemente que soassem as doze, momento solene ente todos, porque o capuchinho em vez de se esconder com rapidez de ladrão uma vez terminada sua tarefa como fazia por exemplo à uma ou às duas (então se podia até duvidar de tê-lo visto), não, ficava ao contrário um tempo, longo, longo, bem apresentado, ou seja, o tempo necessário para as doze badaladas. Ah! E não tinha pressa então o irmão Barnabé! Muito sabia que o estavam admirando! Como quem não quer a coisa, fazendo-se de muito atento ao trabalho, puxava a corda, enquanto espiava com o canto dos olhos o efeito que produzia sua presença. As crianças se alvoroçavam gritando.

- Vejam como engordou.

- Não, está sempre o mesmo.

- Não senhor, está mais jovem.

- Porque não é o mesmo de antes, é seu filho. Etc., etc.

Os talheres já postos riam na mesa com todos os dentes de seus garfos, o sol iluminava alegremente o ouro das molduras e as cores brilhantes das telas que estas enquadravam; os retratos de família piscavam o olho; como dizendo: - Como? Ainda está aí o capuchinho? Nós também fomos crianças há já muitos anos e muito nos divertia.

Era um momento de triunfo.

Nesse momento chegavam os adultos, todo mundo se sentava à mesa e Frei Barnabé, sua tarefa terminada, voltava a entrar na capelinha com essa satisfação profunda do dever cumprido.

Mas, ai, chegou o dia em que tal sentimento já não lhe bastava. Acabou por cansar de tocar sempre a hora e cansou, sobretudo, de nunca poder sair. Puxar a corda do sino é até certo ponto uma espécie de função pública que todo mundo admira. Mas quanto tempo dura? Apenas um minuto em sessenta, e o resto do tempo o que se faz? Pois passear em volta da cela estreita, rezar um

rosário, meditar, dormir, olhar por baixo da porta ou por entre as frestas do campanário um raio tênue de sol ou de lua. Estas ocupações são muito pouco apaixonantes. Frei Barnabé se aborreceu.

Um dia assaltou-o a ideia de fugir. Mas afastou com horror semelhante tentação relendo o regulamento inscrito no interior da capela. Era muito determinante. Dizia:

“Proibição absoluta a Frei Barnabé de sair, sob nenhum pretexto, da capela do relógio. Deve estar sempre pronto para dar as horas tanto do dia como da noite.”

Nada podia tergiversar-se. O ermitão se submeteu. Mas quão dura resultava a submissão! E aconteceu que uma noite, como abrira sua porta para bater as três da madrugada, qual não foi sua estupefação ao encontrar-se frente a frente com um elefante que de pé, tranquilo, o olhava com seus olhinhos maliciosos e, claro, Frei Barnabé o reconheceu de imediato: era o elefante de ébano que vivia na prateleira mais alta do aparador, lá, no extremo oposto da sala de jantar. Mas como jamais o havia visto fora da referida prateleira, havia deduzido que o animal fazia parte dela, quer dizer, que o haviam esculpido na própria madeira do aparador. A surpresa em vê-lo aqui, na frente dele, deixou-o pregado ao chão e se esqueceu de fechar as portas, quando acabou de dar a hora.

- Bem, bem – disse o elefante -, vejo que minha visita causa no senhor certo efeito; está com medo de mim?

- Não, não é que tenha medo – balbuciou o ermitão -, mas confesso que... Uma visita! O senhor veio fazer-me uma visita?

- Mas é claro! Vim para vê-lo. O senhor tem feito tanto bem aqui a todo mundo que é justo que alguém por sua vez faça-lhe algum serviço. Além disso, sei como vive desgraçadamente. Vim consolá-lo.

- Como sabe que... ? Como pode supor?... Se nunca disse nada a ninguém... Será o senhor o diabo?

- Fique tranquilo – respondeu sorrindo o animal de ébano -, não tenho nada em comum com esse grande personagem. Não sou mais que um elefante... Mas isso sim, de primeira linha. Sou o elefante da rainha de Sabá. Quando vivia essa grande soberana da África era eu quem a levava em suas viagens. Vi Salomão: tinha trajes muito mais ricos que os seus, mas não tinha essa barba bonita. Quanto a saber que o senhor é desgraçado, não é mais que uma questão de adivinhar. Um indivíduo deve se aborrecer de morte com semelhante existência.

- Não tenho o direito de sair daqui – afirmou o capuchinho com firmeza.

- Sim, mas não deixa de se aborrecer por isso.

Esta resposta acompanhada de um olhar inquisidor do elefante causou muito mal ao ermitão. Não respondeu nada, não se atrevia a

responder nada. Era imensa essa verdade! Aborrecia-se de morte. Mas assim era! Tinha um dever evidente, uma instrução formal indiscutível: permanecer sempre na capela para dar as horas. O elefante o considerou por longo tempo em silêncio como quem não perde o mínimo pensamento do seu interlocutor. Por fim, voltou a tomar a palavra:

- Mas – perguntou com ar inocente – por que razão o senhor não tem o direito de sair daqui?

- Prometi ao meu reverendo Padre, meu mestre espiritual, quando me mandou guardar este relógio-capela.

- Ah!... E isso faz muito tempo?

- Cinquenta anos mais ou menos – respondeu Frei Barnabé, depois de um rápido cálculo mental.

- E depois de cinquenta anos, nunca mais voltou a ter notícias desse reverendo Padre?

- Não, nunca.

- E que idade tinha ele naquela época?

- Suponho que andaria lá pelos oitenta.

- De modo que hoje teria cento e trinta, se não me engano. Então, meu querido amigo – e aqui o elefante soltou uma risada sardônica muito dolorosa ao ouvido – então quer dizer que o esqueceu totalmente. A menos que não tenha querido zombar do senhor. De todos os modos já está mais que livre de seu compromisso.

- Mas – objetou o monge -, a disciplina...

- Que disciplina!?

- Enfim... o regulamento – e mostrou o cartaz de regulamento que estava pendurado dentro da cela.

O elefante leu com atenção, e:

- Posso dar minha opinião sincera? A primeira parte deste documento não tem outro objetivo que assustá-lo. A inscrição essencial é: “Dar as horas do dia e da noite”, este é seu estrito dever. Basta, portanto, que se encontre em seu posto nos momentos necessários. Todos os demais lhe pertencem.

- Mas o que eu faria nos momentos livres?

- O que fará – disse o animal de ébano mudando de repente o tom e falando com voz clara, autoritária, avassaladora -, subirá no meu lombo e eu o levarei ao outro lado do mundo por países maravilhosos que você não conhece. Sabe que há no armário secreto, aquele que não abrem nunca, tesouros sem preço, dos quais você não faz a menor ideia: bolsas de rapé nas quais Napoleão espirrou, medalhas com os bustos dos césares romanos, peixes de jade que sabem tudo o que acontece no fundo do oceano, um velho pote de gengibre vazio, mas tão perfumado ainda que a gente quase se embriaga ao passar ao seu lado (e se tem, então, sonhos

surpreendentes). Mas o mais belo de tudo é a sopeira, a famosa sopeira de porcelana da China, a última peça restante de um serviço estupendo, raríssimo. Está decorada com flores e no fundo, adivinha o que tem? A rainha de Sabá em pessoa, de pé, sob uma sombrinha que solta chamas e levando no punho seu louro profeta. Se você soubesse! É linda, é adorável, coisa para ficar de joelhos! E o espera. Sou seu elefante fiel que a segue há três mil anos. Hoje me disse: "Vá buscar o ermitão do relógio, estou certa de que deve estar louco para me ver".

- A rainha de Sabá. A rainha de Sabá! – murmurava em seu foro íntimo Frei Barnabé trêmulo de emoção -. Não posso me desculpar. Eu preciso ir e em voz alta:

- Sim, quero ir. Mas a hora! A hora! Pense um pouco, elefante, já são quinze para as quatro.

- Ninguém notará se der de uma vez as quatro badaladas. Assim ficaria livre uma hora e quinze entre esta e a próxima badalada. É tempo mais que suficiente para ir apresentar seus respeitos à rainha de Sabá.

Então, esquecendo-se de tudo, rompendo com um passado de cinquenta anos de exatidão e de fidelidade, Frei Barnabé bateu febrilmente as quatro badaladas e saltou no lombo do elefante, que o levou pelo espaço. Em alguns segundos estavam em frente à porta do armário. O elefante deu três batidas com suas presas e a porta se abriu como por encanto. Deslizou, então, com amabilidade maravilhosa por entre os labirintos de tabaqueiras, medalhas, leques, peixes de jade e estatuetas e não demorou em desembocar em frente à célebre sopeira. Voltou a dar as três batidas mágicas, a tampa se levantou e nosso monge pode então ver a rainha de Sabá em pessoa, que de pé em uma paisagem de flores diante de um trono de ouro e pedrarias sorria com expressão encantadora levando em seu punho o louro profeta.

- Por fim o vejo, meu belo ermitão – disse ela -. Ah! Quanto me alegra sua visita; confesso que a desejava com loucura, cada vez que ouvia tocar o sino pensava: que som tão doce e cristalino! É uma música celestial. Gostaria de conhecer o sineiro, deve ser um homem de grande habilidade. Aproxime-se, meu belo ermitão.

Frei Barnabé obedeceu. Estava radiante em pleno mundo desconhecido, milagroso... Não sabia o que pensar. Uma rainha estava falando com ele familiarmente, uma rainha havia desejado vê-lo.

E ela seguia:

- Tome, tome esta rosa como lembrança minha. Se soubesse o quanto me aborreço aqui. Tenho tratado de me distrair com esta gente que me rodeia. Todos me fizeram a corte, alguns mais, outros menos, mas por fim me cansei. À tabaqueira não lhe falta graça; narrava de um modo passável relatos de guerra ou intrigas picarescas, mas não pude aguentar seu mau cheiro. O pote de gengibre tinha garbo e certo

encanto, mas me é impossível estar a seu lado sem que me assalte um sono irresistível. Os peixes conhecem profundas ciências, mas não falam nunca. Somente o César de ouro da medalha me divertiu em realidade algumas vezes, mas seu orgulho acabou por me parecer insuportável. Não pretendia me levar em cativeiro sob o pretexto de que eu era uma rainha bárbara? Resolvi despachá-lo com toda sua coroa de ouro e seu grande nariz de pretensioso, e foi assim que fiquei sozinha, sozinha pensando no senhor o sineiro distante que tocava às noites tão linda música. Então disse a meu elefante: "vá e traga-o. Distrairemo-nos mutuamente. Eu lhe contarei minhas aventuras, ele me contará as suas". O senhor quer, lindo ermitão, que lhe conte minha vida?

- Oh, sim! – suspirou extasiado Frei Barnabé –. Deve ser tão bonita!

E a rainha de Sabá começou a recordar as aventuras magníficas que havia percorrido desde a noite em que havia se despedido de Salomão até o dia mais próximo em que, escoltada por seus escravos, sua sombrinha, seu trono e seus pássaros, havia se instalado dentro da sopeira. Havia material para encher vários livros e ainda não se referia a tudo; ia deixando-se levar ao acaso das lembranças. Havia percorrido a África, Ásia e as ilhas dos dois oceanos. Um príncipe da China, cavaleiro em um golfinho de jade, viera pedir a sua mão, mas ela o havia recusado porque estava fazendo projetos para uma viagem ao Peru, acompanhada de um jovem galante, pintado em um leque, que no instante de embarcar para Citeres, quando a viu passar, mudou de rumo.

Na Arábia havia vivido em uma corte de magos. Estes, para distraí-la, faziam voar ante seus olhos pássaros encantados, desencadeavam tempestades terríveis, no meio das quais se levantavam sobre as abas de suas vestes, faziam cantar estátuas que jaziam debaixo da areia, extraviavam caravanas inteiras, criavam miragens com jardins, palácios e fontes de água pura. Mas entre todas, a aventura mais extraordinária era aquela, a ocorrida com o César de ouro. É verdade que repetia: "me ofendeu por ser orgulhoso". Mas via-se sua satisfação, pois o César aquele era um personagem de muita consideração. Às vezes, no meio do relato o pobre monge se atrevia a fazer uma tímida interrupção:

- Creio que já é tempo de ir dar as horas. Permita-me que saia.

Mas imediatamente a rainha de Sabá, carinhosa, passava a mão pela formosa barba do ermitão e respondia sorrindo: como você é malvado, meu belo Barnabé, ficar pensando em um sino quando uma rainha da África lhe faz suas confidências! E além disso: ainda é de noite. Ninguém vai se dar conta da falta.

E retomava o fio de sua história assombrosa.

Quando terminou, dirigiu-se a seu hóspede e disse com a mais encantadora de suas expressões:

- E agora, meu belo Barnabé, cabe a você, parece que nada de minha vida lhe ocultei. É agora a sua vez.

E tendo feito o pobre monge deslumbrado sentar a seu lado, em seu próprio trono, a rainha jogou para trás a cabeça como quem se dispõe a saborear algo delicioso.

E aqui está o pobre Frei Barnabé que se põe a narrar os episódios de sua vida. Contou como o padre Anselmo, seu superior, o havia levado um dia ao relógio-capela; como lhe encomendou a guarda; quais foram suas emoções de sineiro principiante, descreveu sua cela, recitou de cabo a rabo o regulamento que aí encontrou escrito; disse que o único banco que podia sentar-se era um banco coxo; o quão duro era não poder dormir mais de três quartos de hora pelo perigo de não estar desperto para puxar a corda no momento exato. É verdade que enquanto enunciava coisas tão miseráveis, lá em seu foro íntimo tinha a impressão de que elas não podiam interessar a ninguém, mas já havia se lançado e não podia deter-se. Adivinhava de sobra que o que dele se esperava não era o relato de sua verdadeira vida que carecia no fundo de sentido, mas outro, o de uma existência bonita, cujas peripécias variadas e patéticas houvesse improvisado com arte. No entanto, ai!, carecia por completo de imaginação e quisera que não, havia que se limitar aos feitos exatos, ou seja, quase nada.

Em um dado momento do relato, levantou os olhos que até então, por modéstia, mantinha baixos cravados no chão e se deu conta de que os escravos, o louro, todos, todos, até a rainha, dormiam profundamente. Somente o elefante velava

- Bravo! – gritou este -. Podemos agora dizer que é o senhor um narrador de primeira ordem. O próprio pote de gengibre não é nada a seu lado.

- Oh! Meu Deus! – implorou o Frei Barnabé –, terá se irritado a rainha?

- Ignoro. Mas sim o que sei é que devemos regressar. Já é de dia. Tenho o tempo justo para carregá-lo no lombo e reintegrá-lo à capela.

E era verdade. Rápido como um relâmpago nosso elefante de ébano atravessou a sala de jantar e se deteve diante da capela. O relógio da catedral da cidade apontava justo as oito horas. Arquejante, o capuchinho correu tocar as oito badaladas e caiu rendido de sono sem poder mais... Ninguém por sorte havia se dado conta de sua ausência.

Passou o dia inteiro numa ansiedade febril. Cumpria maquinalmente seu dever de sineiro, mas com o pensamento não

abandonava um instante a sopeira encantada onde vivia a rainha de Sabá e se dizia: que me importa se me aborreço durante o dia, se **à** noite o elefante de ébano virá me buscar e me levará até ela? Ah! Que bela vida me espera!

E desde o cair da tarde começou a esperar impaciente que chegasse o elefante. Mas nada! As doze, a uma, as duas da madrugada passaram sem que o real mensageiro desse sinais de vida. Não podendo mais e dizendo a si mesmo que só se tratava de um esquecimento, Frei Barnabé se pôs a caminho. Foi uma longa e dura viagem. Teve que descer pela chaminé agarrando-se na tela que a cobria e como tal tela não chegava nem por muito custo até o chão, teve que saltar de uma altura igual a cinco vezes sua altura. E cruzou a pé a grande peça, tropeçando na escuridão com o pé da mesa, resvalando por cima de uma barata e tendo ainda que lutar com uma ratazana que lhe mordeu cruelmente uma perna. Demorou, em poucas palavras, umas duas horas para chegar ao armário. Imitou aí o procedimento do elefante com tão grande exatidão que lhe abriram sem dificuldade nenhuma, primeiro a porta, depois a tampa da sopeira. Trêmulo de emoção e de alegria se encontrou frente à rainha. Esta se surpreendeu muitíssimo:

- O que está acontecendo? – perguntou – O que quer, senhor capuchinho?

- Mas já não se lembra de mim? – disse Frei Barnabé muito sem graça-. Sou o ermitão do relógio... o que veio ontem...

- Ah! Então é o senhor o mesmo monge de ontem? Pois se quer que seja sincera, lhe darei um conselho: não apareça mais por aqui. Suas histórias, francamente, não são interessantes.

E como o pobre Barnabé não se atrevendo a medir as dimensões de seu infortúnio permanecesse imóvel...

- O senhor quer ir andando? – silvou o louro profeta precipitando-se em cima e cobrindo-o de bicadas -. Acabam de dizer-lhe que está de mais aqui. Vamos, saia e rápido.

Com a morte na alma, Frei Barnabé voltou a tomar o caminho da chaminé. Andando, andando dizia a si mesmo:

- Por haver faltado com o meu dever! Devia de antemão ter compreendido que tudo isto não passou de uma tentação do diabo para me fazer perder os méritos de toda uma vida de solidão e de penitência. Como era possível que um desgraçado monge, em hábito rústico, poderia lutar contra a lembrança de um imperador romano no coração de uma rainha! Mas... que linda, que linda ela era!

Agora é preciso esquecer. É preciso que de hoje em diante não pense mais que em meu dever: meu dever é dar a hora. Eu o cumprirei sem desfalecimento, alegremente até que a morte me surpreenda na extrema velhice.

Queira Deus que ninguém tenha se dado conta da minha fuga! Tomara que eu chegue a tempo! São sete e meia. Se não chegar às oito em ponto, estou perdido. É o momento em que se desperta a casa e todos começam a viver.

E o pobre se apressava, as pernas já cansadas. Quando teve que subir agarrando-se às molduras da chaminé, todo o sangue de seu corpo parecia zumbir no seu ouvido. Chegou lá em cima meio morto. Inútil esforço! Não chegou a tempo... As oito horas estavam tocando.

Digo bem: as oito estavam tocando! Tocando sozinhas, sem ele! A porta do relógio havia se aberto de par em par, a corda subia e descia, como se suas mãos estivessem puxando-as; e as oito badaladas cristalinas soavam...

Afundado no estupor, o pobre capuchinho compreendeu. Compreendeu que o sino funcionava sem ele, quer dizer, que ele não havia contribuído nunca em nada para o jogo do mecanismo. Compreendeu que seu trabalho e seu sacrifício diário não eram senão de riso, quase, quase um escárnio público. Tudo se desmoronava ao mesmo tempo: a felicidade que havia esperado receber da rainha de Sabá e esse dever futuro que havia resolvido cumprir de agora em diante obediente em sua cela. Esse dever não tinha já objeto. O desespero negro, imenso, absoluto penetrou em sua alma. Compreendeu então que a vida sobrelevada em tais condições era impossível.

Então rompeu em pedaços a rosa que lhe presenteara a rainha de Sabá, despregou o regulamento que estava pendurado na parede da cela, e agarrando o extremo da corda que se mostrava como de costume sob o teto, aquela mesma que tantas, tantas vezes haviam suas mãos puxado tão alegremente, passou-a agora ao redor do pescoço e dando um salto para o vazio, se enforcou.

Sobre a autora:

Ana Teresa Parra Sanojo (1889 - 1936) nasceu em Paris, viveu até os 11 anos em Caracas e depois a família foi para a Espanha. Em 1910 volta para Caracas e começa sua carreira literária. Seus primeiros contos, sempre fantásticos, são publicados em revistas da cidade e chegam até publicações estrangeiras como em Paris. É um feito impressionante para uma autora ter o reconhecimento que Parra teve com apenas 26 anos. Aos 32 anos seu nome reverbera em toda a comunidade literária venezuelana e logo atravessa as fronteiras e seus textos são colocados lado a lado com Gabriela Mistral. Entre seus livros estão as novelas Ifigenia *e* Memorias de Mamá Blanca.